

Cleuza Batista de Oliveira, Alessandra Babler Gusmão e Regina Célia Alegro

Cronica da cultura do rami em Uraí: lembranças de trabalhadoree, 1960-1980

Chronique de la culture du rami à Uraí : souvenirs de travailleurs, 1960-1980

Avertissement

Le contenu de ce site relève de la législation française sur la propriété intellectuelle et est la propriété exclusive de l'éditeur.

Les œuvres figurant sur ce site peuvent être consultées et reproduites sur un support papier ou numérique sous réserve qu'elles soient strictement réservées à un usage soit personnel, soit scientifique ou pédagogique excluant toute exploitation commerciale. La reproduction devra obligatoirement mentionner l'éditeur, le nom de la revue, l'auteur et la référence du document.

Toute autre reproduction est interdite sauf accord préalable de l'éditeur, en dehors des cas prévus par la législation en vigueur en France.



Revues.org est un portail de revues en sciences humaines et sociales développé par le CLEO, Centre pour l'édition électronique ouverte (CNRS, EHESS, UP, UAPV).

Referência electrónica

Cleuza Batista de Oliveira, Alessandra Babler Gusmão e Regina Célia Alegro, « Cronica da cultura do rami em Uraí: lembranças de trabalhadoree, 1960-1980 », *Confins* [Online], 6 | 2009, posto online em 28 juin 2009. URL : <http://confins.revues.org/index5973.html>

DOI : en cours d'attribution

Éditeur : Hervé Théry

<http://confins.revues.org>

<http://www.revues.org>

Document accessible en ligne à l'adresse suivante : <http://confins.revues.org/index5973.html>

Document généré automatiquement le 07 novembre 2009.

© Confins

Cleuza Batista de Oliveira, Alessandra Babler Gusmão e Regina Célia Alegro

Cronica da cultura do rami em Uraí: lembranças de trabalhadoree, 1960-1980

Chronique de la culture du rami à Uraí : souvenirs de travailleurs, 1960-1980

- 1 Coletar, registrar e estudar narrativas de trabalhadores exige o reconhecimento da memória como fonte, o que pressupõe uma articulação entre a memória subjetiva e memórias sociais. As lembranças resultantes de vivências subjetivas que os homens carregam consigo não se formam isoladamente do passado coletivo. Assim sendo podem revelar informações, testemunhar e sustentar traços que já estejam em decomposição, enfim, expressar as contradições próprias do tempo já vivido (NORA, 1991). Quando Nora (1991) define os “lugares da memória” afirma que funcionam como espelhos que permitem reconhecer e reviver experiências compartilhadas produzindo um sentimento de pertencimento. São resultantes de investimentos simbólicos que lhes conferem sentidos e significados no tempo.
- 2 Nesse sentido as lembranças dos trabalhadores do rami¹ podem ser compreendidas como “lugares da memória” por se constituírem como “espaços de materialização” de elementos que permitem a identificação, o reconhecimento de si mesmos e do coletivo no tempo. O gesto da lembrança individual remete ao coletivo o que justifica a importância para a memória das experiências vivenciadas por determinados grupos sociais. Pois, a memória individual se constitui na relação com a memória do outro². A base da memória é o grupo no qual o trabalhador se insere. A memória do grupo é também a memória do indivíduo (BOSI, 1979).
- 3 Na busca dessas lembranças recorreu-se à metodologia própria da História Oral para registro das narrativas dos trabalhadores do rami. Pode-se dizer que a História Oral e a memória se entrelaçam, pois se trata aqui de, antes de tudo, exercitar a arte de ouvir testemunhas de um tempo cujas lembranças não têm sido privilegiadas pelos critérios da memória oficial. Já em 1991, Queiroz afirmava que história oral “ é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar” (p.19). A memória pode ser acessada por diferentes meios, principalmente através de entrevistas que permitem captar a “essencialidade” dos interlocutores.
- 4 Um aspecto fundamental do trabalho com a entrevista, de acordo com as orientações produzidas pelo GPREEH (Grupo de Pesquisa Rede de Estudos sobre Ensino e Aprendizagem em História) em 2005, é o procedimento metodológico que contempla condutas específicas no trabalho de campo, no processamento e interpretação das informações obtidas e na apresentação dos resultados à comunidade de participantes do projeto e que favorecem uma “história vista de baixo”. Nessa perspectiva aqui se apresenta breve relato acerca de lembranças de trabalhadores do rami relativas às décadas de 1960 a 1980 quando a produção atingiu seu ápice como geradora de lucros. Foram entrevistados ex-produtores (trabalhadores proprietários dos meios de produção) e ex-trabalhadores assalariados que atuavam como diaristas (peões ou bóias-frias), ou “gatos” (intermediários entre proprietários e trabalhadores). O relato contemplando as narrativas dos trabalhadores é precedido por breve contextualização destacando dois elementos do cenário no qual se inserem: o produto com o qual lidam (rami) e o local onde atuam (Uraí).

A cultura do rami

- 5 O nome rami vem de *ramish*, palavra de origem malaia, dado à planta e à fibra de um vegetal pertencente à família das urtigas, sob a denominação botânica de *Boehmeria nivea*,

que se distingue de outros membros da família pela ausência de pêlos urticantes (DUARTE; SGARBIERI; BENATTI JÚNIOR, 1997). Apesar de ser cultivado quase que exclusivamente para produção de fibras, o rami foi introduzido no país como planta forrageira³.

6 A planta pode ser utilizada em diversos segmentos: fabricação de tecidos, cordas e barbantes, como também podem gerar a celulose para a produção de papel moeda, devido à sua resistência. Além disso, pode ser empregada na fabricação de mangueiras, pneus, fios de pára-quedas, etc.

7 Os tecidos de rami podem ser considerados como um produto substituto muito próximo do linho, com a vantagem serem mais baratos. Em geral, são vendidos ao consumidor final como se fossem linho ou com o nome de “linho rami”, pois, dificilmente se distingue o rami do linho. O rami é mais abrasivo que o linho, de forma que os tecidos são mais ásperos e menos agradáveis ao uso, embora essas características possam ser bastante minimizadas através de processos de acabamento e/ou misturas com algumas fibras sintéticas. Por outro lado, os tecidos são facilmente laváveis, apresentando grande vantagem na retenção de corantes quando comparados a qualquer outra fibra vegetal.

Rami

Foto de Jorge Takano

- 8 De acordo com o informe setorial do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), de 1996, intitulado “Rami, uma cultura em extinção” (BNDES, 2007), o rami é uma cultura permanente com duração de cerca de 20 anos. No entanto, uma lavoura média produz por aproximadamente nove anos contados a partir do segundo ano atingindo

a máxima produção entre as idades de três a cinco anos. Depois, entra em processo de rendimento decrescente. Admite-se até quatro cortes anuais. A colheita é realizada em duas ou três semanas, após este período as fibras perdem o teor de qualidade. A qualidade e o rendimento de fibra dependem do corte, da variedade da planta e de fatores climáticos.

- 9 A fibra do rami pertence à família das fibras longas e tem em média 150 a 200 milímetros de comprimento (assim como o linho, a juta, o sisal e o cânhamo). Apresenta alta resistência – considerada três vezes superior à do cânhamo, quatro vezes à do linho e oito vezes à do algodão.

Rami (detalhe)

Foto de Jorge Takano.

- 10 O processo de beneficiamento é constituído de descorticação e desgoma. A primeira etapa é feita ainda no campo por meio de máquinas desfibradoras ou descorticadoras, sendo as mais utilizadas conhecidas como *piriquitos*, que separam as cascas das hastes. Já a desgomagem

é feita nas indústrias via processos químicos. Em termos de processo produtivo, esta cultura apresenta baixo padrão tecnológico, sendo bastante intensiva no uso da mão-de-obra, da qual exige muito esforço físico. Além disso, a máquina *piriquito* utilizada na descorticação é perigosa e ineficiente, causando elevada incidência de acidentes de trabalho.

Uraí, a cidade do rami

- 11 De acordo com Oliveira (1999), primeiramente, Uraí foi denominado Pirianito. Esse nome originou-se da palavra “periquito”, pássaro que em grande número habitava a região. No entanto, a mesma autora afirma que há outra versão para o nome, segundo a qual a palavra Uraí derivou-se de “Curare” – árvore de casca grossa que pontificavam nas densas florestas de mata virgem. Dessa árvore os indígenas extraíam um líquido venenoso (curare) que usavam nas pequenas flechas em suas caçadas. A despeito da incerteza sobre a origem do nome do município, a trinta de dezembro de 1943, foi elevado a Distrito Administrativo de Assaí, com o nome de Uraí. A dez de outubro de 1947 foi elevado a município.
- 12 O acelerado desenvolvimento de Uraí nesse período está alicerçado na cultura do rami, que teve seu momento áureo entre as décadas de 1960 a 1980. Segundo os entrevistados⁴:
- (...) de 79 por aí, 75 a 80, 74, 75 até 80, 85 por aí foi bom, até 80 foi bom, de 80 pra baxo foi muito bom. (A.C.R)⁵
- (...) foi a época de rami, boa, 66 a 76, pur aí. (C.F)⁶
- (...) por volta de setenta e seis, setenta e sete, setenta e oito até oitenta foi bom. (G.A.A)⁷
- Até 76 foi bão pro rami. Aí, 94, já começou a surgí aquela junta, aquele ramim que veio de fora, aí a produção nossa aqui foi caindo, aí todo mundo foi de: desanimano e foro acabano co o rami (...) Uraí chegou a ter 27 mil habitantes e hoje num tem nem 15. Pessoal foi se:, foi acabano o ramim, todo mundo foi formano a família, foi saindo, uns procurô recurso fora, porque aqui não tinha mais jeito de viver porque acabô o ramim, acabo. (M.N.S)⁸
- Tinha uns 25 mil habitante em Uraí. (S.I)⁹
- 13 O município de Uraí tornou-se o maior produtor de rami do país, sendo denominado “Capital Mundial do Rami” e nesse período teve seu maior índice populacional contando com 24.600 habitantes. Contudo, na década de 1980, outras culturas ocupam os campos da região, reduzindo drasticamente essa produção acarretando um grande êxodo populacional e em 1991, o censo registra 13.234 habitantes em Uraí (OLIVEIRA, 1999, p. 311).
- 14 A cidade, entre as décadas de 1960 e 1980, ostentava invejável prosperidade e organização. O comércio era forte, havia empregos e o dinheiro proveniente, direta ou indiretamente, da cultura do rami movimentava a cidade, conforme destacam os informantes abaixo.
- (...) foi a época que o pinhão ganhou mais dinheiro (...) Uraí teve muita riqueza, Uraí teve aqui quatro, cinco banco, tinha a casa Abe, que era a maior casa que tinha aí, Pernambucanas, Riachuelo, campo de avi/avião. Naquela época tinha dotô João Ribeiro Júnior que ajudava muito Uraí. Então, era era Uraí, era bom [enfático], uma maravilha Uraí, (...). Se eu hoje num tenho nada é que eu num sigurei, mas que eu ganhei dinheiro eu ganhei (M.N.S)¹⁰
- (...) tinha um movimento na rua, porque todo mundo tinha dinheiro do rami, criança que nem eu falo, criança pnhava uma caixa de sapato nas costa, descia aí, ó, quando era de tarde tava cum pacote de dinheiro assim, ó, cruzero. (P.F.S)¹¹
- (...) capital do rami e capital dos acidentado (...). O melhor pa Uraí ficô com a fama como capital do ramo, né. Mais bastante acidente que ocorreu no rami, né. (...) Tinha imprego, mulhé, criança, moça, rapaiz, é fracassô bastante a cidade, né, fracassô muito a cidade de Uraí. (...) o rami dava sirviço pra todos (...) trabalhava criança de oito ano pra cima já trabalhava né, mulhé, criança, mocinha, tudo trabalhava. Numa máquina de rami tinha pessoas, conforme as pessoa que tinha, tinha máquina que as vez fartava gente tumbém, cum tanto sirviço que tinha fartava gente, i:: tinha máquina começava a rodá uma máquina mesmo, tinha que sê de seis pessoa pra cima, pra ela rodá completa, tinha máquina de deiz pessoa, dava sirviço inté pra catorze pessoa uma máquina, i:: tem (...) Sertaneja onde (...) tinha muito rami (...) Itimura, que é o rei do rami, tinha deiz (...)

máquina assim no campo (atrás do otro) já imaginô, já imaginô, é:: i:: tudo trabalhava, tudo tinha o seu dinherinho desde criança, de oito ano pra cima tudo, tudo tinha, é:: fracassô muito aqui em Uraí sobre a farta do ramo, arrancarô tudo. (A.A.C)¹²

(...) o movimento em Uraí era grande, tinha muita gente, cê tá entendeno, o salário era bom (...) de termos assim de:: financero, de ganhá dinheiro, ele troxe tudo que era bom. (C.F)¹³

(...) geralmente quem ganha mais dinheiro é o patrão, né. Os pião era bem pago, pião é o: eu digo é os cara que trabaivava, a gente chamava di pião. (...) aqui era o forte do ramim memo, NOSSA essa cidade era movimentada, era: tinha cumércio bastante, bem, depois que terminô, fracassô bem, vichi. (G.A.A)¹⁴

(...) todos, desde desde o impregado, o patrão, o comerciante, o caminhonero, o insacador que fazia a carga, enfim, era uma cadeia, bem bem boa e todos ganhavam dinheiro no rami. (...) bastante movimento, Uraí chegô a ter onze açougues, uma cidade piquena, ter onze açougues, cinco bancos, i: lojas de tecidos grandes, Pernambucanas, Casas Alves, Buri, i mais algumas que eu não me lembro agora, intão era um:: um, polozinho, piquininho, mais muito bom, muito bom. (...) muita gente, comércio bem ativo, muitas lojas, é: muitos carros novos, i: todo mundo vivia bem, todo mundo é: tinha alguma coisa pra gastá, entre tanto os produtores como os trabalhadores, é: o comércio, o comércio forte.(A.C.R)¹⁵

15 A “saga do rami” em Uraí, como relata OLIVEIRA (1999), está vinculada à intervenção de colonizadores de origem nipônica¹⁶ e tem início quando o chefe da Companhia imigratória manda ao Brasil o engenheiro Reiliti Matsui, que traz consigo variedades colhidas em Formosa (Ásia), as quais planta experimentalmente em São Paulo. Obtidos excelentes resultados, foram enviadas amostras para a Tóquio Assaito Bosseki K.K. (ou, Fiação e Tecelagem Tóquio de Rami S/A), do Japão. Numa assembléia geral da companhia de imigração, decidiu-se fazer uma plantação maior, numa fazenda próxima a Jaboticabal (Anhumas), colonizada pelos japoneses que, posteriormente, viriam para a Pirianito (futura Uraí). Para a região norte do Paraná enviou diversas variedades de sementes para a Nambei do Brasil, que tinha por objetivo colonizar e explorar a terra adquirida na Colônia Pirianito. Em 1937, a empresa Tóquio Assaito Bosseki K.K adquiriu uma área de 400 alqueires para plantar rami. Em 1938, Seiki Murakami, associado da Cooperativa, mandou vir do Japão, produzidas pelo Laboratório Agrícola, de Miyasaki, algumas variedades tidas como mais produtivas e de melhor qualidade. Foi daí que nasceu a melhor variedade de rami, que só se consolidou em 1950 quando teve ampla disseminação pelo Norte do Paraná. A produção sofreu oscilações devido à 2ª Guerra Mundial e também porque não havia mercado consumidor para sua produção. Passou, portanto, por sérias crises a ponto de quase chegar à extinção.

16 No ano de 1940, a localidade de Pirianito contava com regular comércio, a zona rural contava com grande número de propriedades que produziam as riquezas colhidas nas terras férteis.

Olha, eu num sei se eles tinha deles memo, se eles trazia daqui [põe a mão no peito] ou trazia de otro lugar, né. Sei que a muda chegava e nós prantava o rami. (M.N.S)¹⁷

A muda veio uma parte do:: do Japão, e as que veio do Japão, intão nós pegava dos oto daqui de Assaf, pegava dos otro i prantava, né, porque veio do Japão (...) agora pra nós não. (S.I)¹⁸

17 O município de Uraí foi a primeira localidade do estado do Paraná a cultivar a planta. Em 1940, na Fazenda Pirianito, iniciou-se o enluvo da fibra, com inúmeras utilidades e aplicações. Uraí tornou-se o maior produtor de rami do Brasil, razão pela qual, recebeu o epíteto de “Capital Mundial do Rami”. A produção era consumida nos mercados internos e externos, principalmente no Japão - maior consumidor. A família Itimura instalou suas indústrias: CIPRA - Cia. Industrial Paranaense de Rami e Imperial Fibras Indústria e Comércio Ltda (URAI, 1979).

18 A Cooperativa Agrícola de Cotia operava com o rami desde 1946, cultivado principalmente na Sorocabana. Em 1952, a colheita não passou de 5 toneladas. Enquanto isso, no Paraná, tendo sido plantado em Uraí, obteve rápida difusão da cultura, que logo alcançou Londrina, Maringá,

Cambará e Assaí. Logo no primeiro ano de abertura do seu posto de vendas em Londrina, a Cooperativa recebeu 12 toneladas do produto. Com a criação do Depósito Regional, foi para 18 toneladas. Nessa ocasião é que foram admitidos os cooperados de Uraí, aumentando a importância do município no desenvolvimento da cultura. A safra da fibra em 1956 foi de 340 toneladas e, em 1958, alcançou 860 toneladas. Em 1959, Uraí contava com 38 cooperados, por isso foi instalado ali principalmente para o recebimento de rami, um sub-depósito regional, ligado ao regional de Londrina.

(...) comércio do rami muito bom, cê deu um lucro razoável. (A.C.R)¹⁹

19 Em 19 de setembro de 1960, separando-se de Londrina, Uraí passou para a Categoria de Depósito Regional. Nesse dia, foi organizado o Grupo de Produtores de Rami (GP Rami) para estimular a produção da fibra, cuja exportação viria ser suspensa pelo Governo, foi o segundo Grupo de Produtores criado no Paraná. Com a reabertura das exportações, a produção do rami em 1964 subiu para 2.750 toneladas, com excelentes perspectivas de mercado. Dentro desse propósito, a Cooperativa enviou as Filipinas, para uma viagem de pesquisas, Keizo Hozaka, Presidente do GP Rami, Yoneju Tsunoda, do Departamento de Vendas, e Ruy Kikuti, do Departamento de Fomento Agrícola.

20 Nos anos de 1976 e 1977, de acordo com o IAPAR (1976), o maior produtor mundial de rami era a China, seguindo-se Brasil e Filipinas. O estado do Paraná liderava a produção brasileira, destacando-se os municípios de Uraí, Assaí e Londrina. Parte da produção era consumida no país, principalmente por indústrias de tecidos e barbantes, parte era exportada para o Japão, Itália, França, Suíça e Estados Unidos, entre outros países.

21 Em 1984, a crise do setor foi interrompida tendo em vista o aumento da demanda mundial e o acréscimo dos preços internacionais. Em consequência, a produção local aumentou e o Brasil passou a ser exportador, segundo a Secretaria de Agricultura do Paraná. Em 1988, a demanda mundial voltou a cair e os preços internacionais despencaram contribuindo para um completo descolamento da produção nacional e consumo, ou seja, a produção caindo acentuadamente, as importações crescendo e o consumo apresentando ligeira recuperação, principalmente no período 1990/93.

22 Outro fator que colaborou para a desestruturação deste segmento foi o processo de abertura do mercado interno, face à redução das alíquotas de importação dos produtos do setor têxtil. As indústrias locais sentiam a concorrência dos produtores asiáticos, sobretudo da Coreia e da China, como em outros segmentos da cadeia têxtil. As principais justificativas apontadas para a redução desta cultura no Brasil eram: os produtos chineses colocados no País a preços inferiores ao custo de produção local. Ressalte-se que além dos baixos salários pagos na China, esta cultura era altamente subsidiada em virtude de ser grande demandadora de mão-de-obra, [contribuindo dessa forma para o aumento da produção chinesa], [diferença entre os custos financeiros interno e externo, facilitando as importações de fibra, fios e tecidos através de financiamentos a prazos superiores a 180 dias, ao passo que o prazo médio das compras internas é praticamente à vista. Na lembrança dos trabalhadores esses fatos assim permanecem:

Eu penso que acabô a ixportação, que eles ixportava mais pu ch/ pa China, o Japão, eu creio que pu/ ixportava pra esses um que recebia, sabe, ixportação, intão eu acho que prantaro pur lá também né. (A.A.C)²⁰

(...) ficô inviável a a ixportação (...) o fio sintético entrô (A.C.R)²¹

(...) num tinha preço, num tinha pra pra quem vende (C.F)²²

Acho que foi fracassano a venda, né, a venda é: é: aí já começa ponhá:: pobrema, o compradô já acha qui o produto num tá bão e assim foi diminuino, inclusive até eu, passei a trabaiá a meia daí, pra tê uma uma produção melhor, né, saí uma fibra melhor, aí o patrão podia vendê mais fácil. (G.A.A)²³

É devido o preço, da China tá produzino rami cum menor preço, mão di obra mais barata, daí cabô o rami. (J.F.O)²⁴

Aí 94 já começou a surgi aquela junta, aquele ramim que veio de fora, aí a produção nossa aqui foi caindo, aí todo mundo foi de: desanimano e foro acabano co o rami (...) justamente pur causa desse pobrema da juta, porque começaram a importá rami lá da China pra cá, saía mais barato o custo pra eles aqui, então nosso produto num valia mais nada, aí todo mundo foi acabano. (M.N.S)²⁵

Purque num, num tinha ixportação. Essa fibra daqui tinha que i po Japão, o Japão num qué comprá isso purque num prestava, intão eles cabaro, rancaro. (P.F.S)²⁶

Cabô purquê:: o começô plantá mais ali na:, cabô ropa de rami tudo, mais pa, intão já num dá pra competir, China tamém já, intão o industrial já num (...) queria usá mais rami intom. (S.I)²⁷

23 Ressalte-se, também, que estava ocorrendo uma mudança na sua utilização: de fios mais rústicos (sacarias, cordas) para fios mais nobres (tecidos). Em conseqüência, a crise deste setor afetou profundamente as empresas que faziam o beneficiamento do rami, a exemplo da Toyo Sen-I do Brasil, Itimura Têxtil e Carambé - Indústria Têxtil Ltda, que eram as maiores empresas que atuavam neste segmento.

24 A baixa demanda do produto provocou o abandono das lavouras, sendo poucos os produtores que colheram e estocaram suas safras, e conseqüentemente, elevou o desemprego na região. Em resumo, os principais problemas enfrentados pelo setor diziam respeito fundamentalmente a baixa qualidade das fibras; monocultura; baixa competitividade do rami, comparado às outras culturas; defasagem tecnológica e tendência de queda da produção.

25 Também contribuíram para esse quadro os problemas relativos à mão-de-obra, pois requeria altos esforços físicos, condições precárias de trabalho, elevada quantidade de mão-de-obra volante sem vínculo empregatício e acidentes de trabalho. Os trabalhadores recordam-se que:

É, antigamente num tinha esse período, só no fim que foi que foi criou-se esse período das sete às cinco, né, é: antigamente trabalhava-se da hora que clareava até, das se/ seis e meia, até seis, seis e poquinho, (A.C.R)²⁸

(...) a gente via que eis fazia aquela força pra puxá a fibra de dentro da boca da maqui, né, aquela força, (A.D.F)²⁹

Dificuldade:: tinha que tê bastante força, se ele fosse uma pessoa fraca ele num güentava trabalhá no rami, (J.F.O)³⁰

(...) nós chegava no serviço era base de umas seis, seis e meia. (...) e cabava cin/ cinco hora, seis hora qui cabava o serviço (...) se tivesse força quarqué um entrava pra trabaiá (L.A.P)³¹

(...) pegaro aquelas estaca e abria a boca da máquina, pra passá o (óleo) mais grosso. Aí começô dá muito acidente, (M.N.S)³²

(...) começô também a tê o pobrema co ministério do trabalho, (C.F)³³

26 Sobre esse cotidiano dos trabalhadores passamos a discorrer a seguir³⁴.

Os trabalhadores do Rami

27 O rami é uma atividade agrícola que exige para a sua produção uma grande quantidade de trabalhadores e diferentes categorias. Uma delas é constituída pelo trabalhador permanente que mora na propriedade onde se localiza a lavoura, conforme declara o informante abaixo:

(...) tinha as colônias, né, as casas uma pertinho da otra, intão eles chamavam, davam o nome de colônias, né, e nas colônias a gente punha famílias. (A.C.R)³⁵

(...) os agricultô eles num era transportado, eles morava quase tudo na zona rural, todo sítio tinha moradia, intão todo mundo morava no sítio, num morava na cidade, eles morava no local de trabalho. (C.F)³⁶

28 Um segundo grupo de trabalhadores era o chamado “bóia-fria”, que saía da zona urbana para trabalhar no campo como diarista. Esse trabalhador tinha ocupação temporária, isto é,

apenas durante a fase de corte e depois de acabada a safra buscava outras ocupações. Algumas das lembranças registradas na memória desses trabalhadores se referem ao transporte e à alimentação:

(...) a gente levava tinha vez que eu levava na marmita térmica, tem vez que eu levava na marmita térmica, tem vez que eu levava na vazia de plástico assim a comida, né, comia já fria já, porque, né, ucê num isquentava. (A.D.F.)³⁷

Porque (bóia-fria) cê já viu, né, tem qui levá, né (...) comia comida fria. [ri] Num tinha nada de quenti, não, era friu memo (...) Ia de bóia-fria no caminhão, de bóia-fria. (L.A.P.)³⁸

- 29 Assim como os “bóias-frias”, também eram contratados por “gatos” – nome dado ao intermediador do serviço com o proprietário da lavoura – os “peões”, que vinham de outras cidades para aproveitar o período de safra. Chegavam quando se iniciava o corte do rami e iam embora quando ele acabasse. Veja as lembranças abaixo sobre esse trabalhador:

(...) brigavam muito, ah, bebiam, brigavam e si matavam” (...) alguém optava por pelos pelos piões, né, que eram pessoas sozinhas que vinham de fora, é: fazia e depois ia embora. (...) Consegui mão di obra que era difícil ...[O patrão que tava na na roça ou o gato que tomava conta do serviço, ele distribuía o serviço (...) surgiu pela necessidade do patrão tê otros afazeres (...) você contratava uma pessoa pra olhá essa máquina e cuidá e pagava um poco a mais pra ele e ele levô, cabô teno o nome de gato, né, que até hoje se dá o nome pra pessoa que toma conta do serviço de gato. (...)o gato levava comida na roça pra eles [os peões] come]. (A.C.R.)³⁹ [*fala do patrão*]

(...) o gato num pagô. (...) Recebi nada, até hoje. (L.A.P.)⁴⁰ [*fala do trabalhador*]

(...) quando num tinha gente aqui em Uraí nós ia buscá fora, nós trazia de Londrina, nós ia buscá onde tivesse. Aí nós tinha barraco, a: a gente trazia aquele pessoal, só gente soltero, num tinha fa:: é a gente, pinhão assim do trecho, nós trazia, eu tinha o barraco cum a durmida, cada um tinha a sua tarimbazinha, feita lá de rami pra durmi, eu dava almoço, janta e café. (...) a gente tinha que i buscá fora. (...) segunda fera nem sabão pra ele lavá ropa ele num tinha (...) chega lá todo sujo, pra trabalhá, aquela ropa que ele trabalhô naquela semana, ia trabalhá de novo cum ela. (...) Dia de: de: sábado e domingo se vê aquela piãozada po barraco, uns brigano, oto caino, oto bateno na cara do otro. (M.N.S.)⁴¹ [*fala do gato*]

Eu tinha que [gagueja] i no banco, soltava aquele cheque, sexta-feira, pa sábado eu fazê o pagamento. (...) eu pagava pela produção da pessoa. Se o cara valesse oito, oito real, eu pagava oito real, se valesse deiz eu pagava deiz, que aí que num é todo mundo um preço só, era de vários preço, eu pagava pela pessoa que ele interessava mais no serviço⁴² (...) os piões que trabalhavam, qui qui ficavam nos galpões e qui o gato levava comida na roça pra eles comê, eles davam certos apelidos pra comida, intão isso daí, é: eu vô falá, num sei se vocês vão querê editá ou não, mais o macarrão eles chamavam o macarrão de fio de telefone, o ovo chamava relógio de pulso, ou zoião, o frango chamavam boi que berra, [riso], frango era boi que não berra, a lingüiça era o cabo de reio, a sardinha era corpo seco, e a carne moída era boi ralado, intão esses eram os apelidos que eles brincavam quando vinha comida pra comê. (A.C.R.)⁴³ [*fala do trabalhador*]

- 30 Como se percebe nas entrevistas acima, a figura do “gato” se destaca na produção do rami, pois era ele quem fiscalizava os trabalhadores envolvidos nesta lavoura em vista da produtividade. Entretanto sua função não era restrita a isso, também era o responsável por contratar os trabalhadores, oferecer acomodações e transportá-los até o local de trabalho, além de fornecer refeição aos peões, cobrando dos trabalhadores o pagamento dessas despesas. Esse apelido “gato” surgiu porque essas pessoas, muitas vezes, aplicavam um golpe e não repassavam o dinheiro que o proprietário da lavoura dava para pagar os trabalhadores que ele próprio contratava como mostrou a entrevista 9.
- 31 Os “gatos” – elo entre patrão e empregado – ganhavam dinheiro de diversas maneiras: eles recebiam de acordo com o número de pessoas que contratavam para o trabalho; ganhavam uma porcentagem da produção; e também com a refeição, que era servida aos peões por um preço extorsivo, já com a finalidade de obter “lucro”.
- 32 Devido à falta de mão-de-obra, contratavam-se mulheres e até crianças para trabalhar no rami.

Tinha, ó, do tamanho daquele ali [mostra o menino], ih, tinha de bote, um punhado, mulecado corria tudo em cima, só que nós num dexava batê na máquina, a máquina PIRIGOSA, agora pra cortá e carregá o moinho nas costa que nem camelo, ah, pra isso a maioria é bão. Carrega muié, home. A minha cunhada trabaia na (máquina). Agora, na máquina, ah, PIRIGOSO, mais pra cortá ele, carregá, há, é simples, coça um poquinho/. (P.F.S)⁴⁴

(...) eu comecei criança, cumecei cum deiz, onze ano, né, é: num era geral não, era algum só que trabaia, né, num era todas as criança, que nem meu pai, pur ixemplo, aproveitava nosso serviço, porque a gente era bastante pobre, intão. (...) Trabaia bastante tamém, mulher tamém. (G.A.A)⁴⁵

É o fibrero poderia ser uma pessoa de menor de idade, que er um leve ou poderia ser mulher, né, agora já os oto serviço de cortador, carregador e bagacero, mulher num fazia, dif/ dificilmente fazia esse serviço. (J.F.O)⁴⁶

(...) eu comecei:: cortá, cortá rami, aí dispois levaro eu pa istendê fibra. Aí dispois quando fartava bagaço tamém, aí eu comecei tirá bagaço tamém, af:: isso é quando fartava gente pa tirá bagaço (...) dispois eu vortava a tirá rami, istendê fibra de novo, dispois vortava a cortá rami (...). Trabalhava só em duas. Em duas mulhé. (Purque) eles num aceitava mulher na maqui, né, intão era só duas só. (A.D.F)⁴⁷

(...) eu trabaia di corta o rami, trabaia di dá o rami na máquina, trabaia di bagacera, ota hora era carpi...(...) cortano rami, carregano bagaço no balaio, no ombro e dano varinha (...) eu, trabaia essa muié do Inferninho (...) e a fia dela (...) lá era só o homi, mais tinha vez que trocava, punhava mulié tamém, mas só que eu num trabaia na máquina eu tinha medo daquele bicho lá (...) criança num tinha não (...) criança num güenta. (L.A.P)⁴⁸

(...) quele tempo trabaia a muié, moça, até minino que num consegav/ conseguia carregá (o moinho) o ramim pra trazê pra máquina, queles monte de bagaço que é que eles faziam, jogavam, os bagacero jogava lá, e depois sai o piqueno isparramava o bagaço, saía o mais, a prensa saía mais forte, e aonde que onde que o tinha serviço serviço braçal pra todo mundo, agora cabô o ramim, fracassô bastante o serviço braçal. (...) de oito ano pra cima tinha (...) crianças, o que num podia fazê um sirviço, fazi otro. (A.A.C)⁴⁹

(...) mulhé trabalhava, criança no rami num trabalhava. (C.F)⁵⁰

Nas famílias, todos trabalhavam, acima de 12 anos pur aí, todos trabalhavam, é: e ganhava-se muito bem, desde uma criança que se eles fosse uma criança forte, né, de 12, 13 anos pra cima, que fosse uma criança desenvolvida, trabalhava e ganhava muito bem, uma criança pro ocê tê uma noção, é: uma criança di 12, 13 anos trabalhava e ganhava mais ou menos um salário mínimo. (A.C.R)⁵¹

- 33 De acordo com os trabalhadores, a tarefa mais árdua na lavoura ramiera era do operador de máquina, já que era ele que corria maiores risco de acidentes. Contudo, havia uma hierarquia nas relações de trabalho que estipulava que o trabalhador iniciante nesta atividade era chamado de “camelo”, pois fazia o serviço mais pesado, carregando os balaio com os bagaços de rami. Logo após vinham os cortadores, os estendedores e os operadores de máquinas.

(...) comecei tirando o bagaço, depois passei a cortá, (...) já esforçano a aprendê trabaia na máquina. (1-30/19-24)

Cortava, carregava, batia, que é aquele processo na máquina, que é poco pirigoso, estendia e depois carregava à tarde ou no outro dia pro barracão. (...) um ia cortá, outro ia carregá, porque tinha que fazê um monte bem grande atrás da da, a gente dava o nome de banca, né, fazia a banca, intão fazia aquele monte atrais da da máquina que ia, fazia o desfibramento, né, a gente falava batê, batê o rami, intão um cortava, otro batia, otro já ia fazê o estalero, porque depois de batido você tinha que:: pô ele bem certinho, fininho, né, o istendedor carregava da máquina e estendi/ estendia bem fininho us/, fazia os varais de bambu, e pra ele secá, intão já já otro já ia fazeno o estalero é: assim por diante. (81/22-24; 82/12-20)

(...) fui bagacero, cortadô, estendedô de fibra e: e: maquinero, batedô. (4. 37/25-26)

(...) comecei prantano, prantano, carregano o ramim, é:: cortano é: assim fui ino. (5. 42/5,6)

É:: tinha o maquinero, (...) um fibrero, é: treis cortador, um carregador, e um bagacero. serviço. (6. 58/10-11)

- 34 Como se pode notar nos depoimentos acima, havia várias funções no manejo do rami. Essas categorias de atividades constam da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego, a saber: Bagaceiro de rami, Batedor de rami, Carregador de rami, Cortador de rami, Cultivador de rami, Fibreiro de rami.
- 35 O processo começa pelo corte. O cortador, munido de instrumento apropriado cortava o pé de rami. Na seqüência, o carregador conduzia a matéria-prima até a máquina que, por sua vez, era manipulada pelo batedor – o trabalho mais perigoso. Ao passar pela máquina, sobra o bagaço, que será carregado pelo bagaceiro.

O cotidiano dos trabalhadores

- 36 A vida dos trabalhadores de rami não era fácil, pois era muito cansativa e exigia forte disposição para o trabalho, além do que, agüentar a longa jornada de trabalho que começava às sete horas da manhã e terminava às dezoito horas exigia boa alimentação, o que nem sempre era possível.
- 37 De acordo com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uraí⁵², esses trabalhadores não se importavam muito com o horário, não tinham tempo determinado para almoço ou café, o que importava era o dinheiro obtido, pois eles ganhavam por produção e quanto mais trabalhasse, melhor. A função de “maquineiro”, apesar de oferecer mais riscos, era a mais cobiçada, por ter a melhor remuneração.

(...) o salário compensava. (A.A.C)⁵³

(...) o salário era bom. (C.F)⁵⁴

Os pião era bem pago (...) O maquineiro, o que batia o rami, esse ganhava mais, que era o serviço mais perigoso e mais pesado, intão a gente [aponta para si] ganhava mais, daí eu passei, (como desde) muito cedo já começá a trabaiá pa ganhá um poco mais (G.A.A)⁵⁵

(...) foi a época que o pinhão ganhou mais dinheiro. (M.N.S)⁵⁶

(...) eu ganhava seis salário no rami, ganhava, maquineiro, agora os oto num ganhava. Cortadô, istendedô de fibra, tudo era crassi di serviço, num ganhava, agora eu ganhava porque eu batia na máquina, pirigosa [bate novamente na cicatriz do braço cortado]...[Recebia pur semana, semanal (...)] todo mundo tinha dinheiro do rami]. (P.F.S)⁵⁷

(...) ele queria aprendê batê, que ganhava mais, quem batia o rami, cada um tinha um preço, um um ganhava um tanto, e quem batia o rami ganhava mais que os otros, intão ele ele queria aprendê, queria aprende. (A.C.R)⁵⁸

- 38 Conforme foi explicitado, o pagamento do trabalho era semanal ou quinzenal. Os trabalhadores contratados pelo “gato” recebiam desse intermediador, que calculava o valor equivalente à produção e repassava o dinheiro aos trabalhadores (bóias – frias e peões). Os outros trabalhadores recebiam do patrão ou de algum subordinado que fazia o pagamento, já que o contato com o patrão era raro e em muitos casos o trabalhador sazonal só conhecia o patrão pelo nome e não pessoalmente. No final da safra, não havia nenhuma garantia de recebimento de seus direitos trabalhistas já que não havia contrato de trabalho e nem assinaturas de recibos ou qualquer documento relativo ao seu trabalho. Os contratos eram garantidos pelo “fio de bigode”, ou seja, respaldados pela honradez dos contratantes.

Colheita do rami



Eram retiradas as folhas do rami, só ficavam as fibras. Nesse momento os acidentes aconteciam. Na foto desfibrador “periquito” e motor Tobata.

Foto de Jorge Takano

39 De acordo com os trabalhadores, a tarefa mais árdua na lavoura ramieira era do operador de máquina, já que era ele quem corria maiores riscos de acidentes. Contudo, havia uma hierarquia nas funções de trabalho que estipulava que o trabalhador iniciante nesta atividade era chamado de “camelo”, pois fazia o serviço mais pesado, carregando os balaios com os bagaços de rami. Logo após vinham os cortadores, os estendedores e os operadores de máquinas:

(...) comecei tirando o bagaço, depois passei a cortá, (...) já esforçano a aprendê trabaiaá na máquina (A.A.C)⁵⁹

Cortava, carregava, batia, que é aquele processo na máquina, que é poco pirigoso, estendia e depois carregava à tarde ou no outro dia pro barracão. (...) um ia cortá, outro ia carregá, porque tinha que fazê um monte bem grande atrás da da, a gente dava o nome de banca, né, fazia a banca, intão fazia aquele monte atrais da da máquina que ia, fazia o desfibramento, né, a gente falava batê, batê o rami, intão um cortava, otro batia, otro já ia fazê o estalero, porque depois de batido você tinha que:: pô ele bem certinho, fininho, né, o istendedor carregava da máquina e estendi/estendia bem fininho us/, fazia os varais de bambu, e pra ele secá, intão já já otro já ia fazeno o estalero é: assim por diante. (A.C.R)⁶⁰

(...) fui bagacero, cortadô, estendedô de fibra e: maquinero, batedô. (C.F)⁶¹

(...) comecei prantano, prantano, carregano o ramim, é:: cortano é: assim fui ino. (G.A.A)⁶²

É: tinha o maquinero, (...) um fibrero, é: treis cortador, um carregador, e um bagacero. (J.F.O)⁶³

40 Em relação às máquinas elas eram de dois tipos, a chamada “periquito” e a “moderna”. As periquitos eram manuseadas por homens, pois envolviam maiores riscos, levando a muitos acidentes. Nela eram desfibradas as fibras grandes. A máquina moderna batia as fibras pequenas e eram manuseadas por homens e mulheres, as fibras advindas dessa máquina eram chamadas de “bombril” por saírem encaracoladas semelhantes à palha de aço de tal marca.

41 O município de Uraí foi conhecido como “a cidade dos homens sem braço”, pois para desenvolver o plantio e a manufatura do rami era necessária a utilização das máquinas

“periquitos”, que desfibravam o rami. Tal máquina, pelas suas características, acabava mutilando o braço dos trabalhadores, em sua maioria homens. Por esse motivo, em 1975, o Ministério do Trabalho determinou medidas de segurança para evitar as mutilações. Apesar das medidas adotadas a imprensa apresentava versões diferentes do número de casos registrados em fórum, bem como, no sindicato dos trabalhadores e também nos depoimentos de empregados, gato e patrão. As lembranças são trágicas:

Uraí é considerado como a capital do rami e capital dos acidentado, que eles fala pitoco (...) só na onde ele tava internado tinha treze co braço cortado. (A.A.C)⁶⁴

Na semana que eu cortei, cortô seis braço (...) ia mexê na máquina, (...) no pegá um pacote de rami (...) eu bati na máquina, ela deu um soco, puxô meu braço... intão foi... na semana foi seis braço que foi amputado. (J.F.O)⁶⁵

(...) as vez cortava o braço (...) quando ele pensô que não, ele tava inroschado lá na boca da máquina (...) bebia muito, (...) tava de ressaca. (C.F)⁶⁶

(...) se acidentô, cortô o braço (...), ele morreu atropelado pur um trator, cortano ramim. (G.A.A)⁶⁷

(...) tinha patrão aí que num dava nem pro cê passá perto da casa dele, Deus me livre. Agora tinha uns muito bão... começô a corrê na máquina, iscapô. (P.F.S)⁶⁸

(...) trabalhava meio bêbado, otos se cortava pur discuido, pur num tê cuidado, parece que ele interessava ´é, se eu cortá eu recebo siguro´, era assim. (...) bebia pinga sábado e domingo, (...) abria a boca da máquina, pra passá o (óleo) mais grosso. Aí começô dá muito acidente... os patrão ia, dava sistença, se precisasse de médico sempre tinha, se acidentasse no serviço já tinha condução rapidinho pra trazê aqui na cidade fazê tratamento. Eles pagava os dia parado da pessoa quando num tinha jeito de trabalhá, tudo isso eles fazia. (M.N.S)⁶⁹

(...) num era tanto, cum um poco de cuidado era superado. (...) Muito poco, muito poco, só que quando tinha era, era violento, cortava-se o braço, (...) maior acidente que tinha era co braço, mais também num era exagero (...). Quem se acidentava mais eram os inexperientes, ou os que não istavam autorizados (...) quem tinha muita prática, só se acidentava memo por discuido. (A.C.R)⁷⁰

42 Jornais deste período afirmam que “a situação era tão grave, com dezenas de pessoas perdendo o braço anualmente que o então presidente Geisel pediu providências, dizendo que os ganhos com o rami não cabiam à custa dos trabalhadores brasileiros”⁷¹.

43 As medidas de adequação das máquinas reduziam sua abertura de 12 para 3,5 centímetros, o que levou a uma diminuição do número de acidentes. No entanto, os trabalhadores para aumentar sua produtividade, alargavam a boca das máquinas o que causava novos incidentes. Por sua vez, os ramicultores se defendiam alegando que os trabalhadores abriam por conta própria, sem o conhecimento do patrão. Devido ao reinício dos acidentes, ocorre um movimento em defesa dos trabalhadores, pois as modificações nas máquinas reduziam em 30% a produção e os ramicultores estavam desrespeitando essas normas⁷².

44 Muitos ex-trabalhadores atualmente residem no município e, aposentados com salário mínimo, relatam em entrevistas “que os ganhos não compensaram as perdas com o rami”:

(...) quem sigurô dinheiro do rami, comprô casa, comprô data, comprô sítio, tem, quem num sigurô num num tem uma camisa pra visti, é. (...) dava pra comprá bastante (coisa), (...) nóis ganhava, mais gastava tudo né, num sigurava nada... eu tava dentro do siguro, tava cum a coisa no siguro ele num mi pagava (...) Eu arrecebi novi mil real no siguro do braço. (P.F.S)⁷³

(...) os agricultores criamos uma um um seguro nosso, nosso, é: é esses acidentados eram indenizados pela nossa se/ nossa seguradora. (A.C.R)⁷⁴

(...) de repente, né, fica seu uma mão, sem os dedo. I: i: di primero, num era assim igual hoje, qui: qui: tinha indenização, tudo certinho, era difícil, algumas vez se alejava, ficava alejado. (G.A.A)⁷⁵

Eu acidentei com dizenove anos, é: estava trabalhando na máquina de rami, é: no pegá um pacote de rami que tinha um poco de rami (em cima), foi aonde na hora que eu bati na máquina, ela deu um soco, puxô meu braço (...) é cabô, é: bagaçando um pedaço do bra/ da mão e fui fui pro hospital, na onde foi amputado e foi na mesma época que o Reis tamém, trabalhava pro seu

Itimura é: perdeu o braço tamém (...) teve tem pessoa que:: incontrô comigo comigo: qui amputô o braço, ele falô assim, foi chorano pu Nordeste, purque tinha vindo (aqui) pra ganhá dinheiro e ele voltô foi sem o braço ... [tinha uma indenização, us us proprietário que pagava prum siguro e esse siguro tinha um total pra sê pago, no meu causo eles queriam pagá onze mil real, daí eu entrei na justiça junto cum mais um grupo de pessoa, é: pra consegui recebê dizoito mil real, e daí num tive é: não fui aposentado tamém, não sou aposentado tamém]. (J.F.O)⁷⁶

(...) a condução já trazia. (...) Tinha o doutor Otacílio, era ela quem atendia aí, hospital Santa Rita. (...) se precisasse de médico sempre tinha, se acidentasse no serviço já tinha condução rapidinho pra trazê aqui na cidade fazê tratamento. Eles pagava os dia parado da pessoa quando num tinha jeito de trabalhá, tudo isso eles fazia. (...) mandava as dispesa da semana, a fazenda ajudava e nós ajudava e dava as dispesa da semana... o custo da dispesa que tinha pa pagá siguro aquela coisa num tava cubrino e eles foro desanimano pur causa disso (...) otos se cortava até porque queria, porque o cara, naquela época acho que queria recebê aquele negócio do siguro. (M.N.S)⁷⁷

Eu, ah, eu já vi assim um homi que tava na ota maqui, né, intão us trator que tava, o homi tava trabaiano com uma roçadera, né, intão passô pur cima do do homi, bagaçô o homi, aí nós correu tudo pra vê, nós viu o homi. A roçadera passô pur cima do homi, roçô o homi, né, o homi tava armoçano assim na numa moitinha de ramim, intão o homi num, o homi que tava roçano passô por cima do homi, cortô o homi, bagaçô, nós correu tudo pra vê aquele acidente. (A.D.F)⁷⁸

A título de conclusão

45 Por meio dos depoimentos coletados entre trabalhadores tornou-se possível construir um panorama geral acerca da cultura do rami na cidade de Uraí que vai além de aspectos econômicos e políticos gerais. A consideração do olhar do trabalhador no ato de rememorar possibilita a construção de novos significados ao expor detalhes, pontos de vista e questões diferentes.

46 É possível inferir que esse olhar é constituído de informações precisas – não é um olhar ingênuo, ignorante – porém é marcado por certa consciência histórica que se debate nas contradições do tempo presente (basicamente tempo de desemprego e de falta de perspectivas para a resolução do problema). Aparentemente os entrevistados estão a dizer: aqueles tempos foram difíceis, mas, pelo menos havia trabalho e esperança de dias melhores para uma parte maior da população. Para explicar porque nem todos construíram um patrimônio pessoal (alcançaram sucesso) recorrem às características individuais dos indivíduos que atuaram num tempo “tão bom”. Porém, não são ingênuos: essa é apenas uma estratégia para equacionar uma contradição. Todos sabem que o rami trouxe consigo dores, perdas, mortes e tragédias, com ele em franca produção houve muitos danos aos trabalhadores na máquina “periquito”, muitos dedos, mãos, braços e sonhos foram mutilados.

(...) teve tem pessoa que:: incontrô comigo comigo: qui amputô o braço, ele falô assim: foi chorano pu Nordeste, purque tinha vindo (aqui) pra ganhá dinheiro e ele voltô foi sem o braço. (J.F.O)⁷⁹

47 Por exemplo, quando se referem aos acidentes nas máquinas revelam que não se esqueceram que o trabalho ia de sol a sol e da ausência de leis e garantias trabalhistas que os beneficiassem. Contudo, os acidentes citados por todos eles como a coisa pior do trabalho com o rami, são atribuídos aos próprios trabalhadores, responsabilizados por descuido ou por trabalhar “de ressaca”. Os entrevistados relatam que era comum o uso de bebida alcoólica, a popular “pinga”, que era levada pelos próprios trabalhadores ou vendida pelos “gatos”. Dizem que a pinga os ajudava a trabalhar com mais disposição; no entanto, muitas vezes gerava um clima de desavenças entre os trabalhadores e era responsável pela maioria dos acidentes.

(...) brigavam muito, ah, bebiam, brigavam e si matavam. (A.C.R)⁸⁰

E eu [gato], qué mais pinga vem aqui bebê e era assim. (...) Dia de: de: sábado e domingo se vê aquela piãozada po barraco, uns brigano, oto caíno, oto bateno na cara do outro. (M.N.S)⁸¹

48 Aparentemente, o auge da ramicultura ficou na memória dos entrevistados como um tempo de progresso, mas essa prosperidade não era para todos: era progresso da cidade mais que do

indivíduo que labutava. Para eles o ganho do trabalho era compensador, mas para garantir a prosperidade econômica pressupunha uma moral adequada ao “espírito do capitalismo” na região.

49 Na perspectiva do acima exposto considera-se aqui que as lembranças dos trabalhadores não apenas propiciam detalhes acerca da cultura do rami, mas exigem reflexão acerca das narrativas elaboradas por esses protagonistas, localizando-as no tempo e no espaço, de modo a contribuir para o registro da memória e a reinvenção de nós mesmos. Essa é a nossa ambição na pesquisa em desenvolvimento.

Bibliografia

- BARRETO, V.P. *Cultura de rami*. 2.ed. São Paulo: Ed. Chácaras e Quintais, 1951.
- BENATTI JÚNIOR, R. *Rami: planta têxtil e forrageira*. São Paulo: Nobel, 1988.
- BNDES. *Rami, uma cultura em extinção*. Informe setorial. Disponível: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/setorial/is12rami.pdf>. Capturado em 12/06/2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- BRASIL (Ministério do Trabalho e Emprego). *Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)*. Disponível: <http://www.mtecbo.gov.br/busca/condicoes.asp?codigo=6222> Capturado em 29/09/2008.
- DUARTE, Ângela de A.; SGARBIERI, Valdemiro C.; BENATTI JÚNIOR, Romeu ROMEU. *Composição e valor nutritivo da farinha de folhas de rami para animais monogástricos*. In: <http://atlas.sct.embrapa.br> (capturado em 04/06/2005).
- EMBRAPA. *Atlas EMBRAPA*. Disponível: <http://atlas.sct.embrapa.br>. Capturado em 04/06/2005.
- GPREEH. *Coleta e Tratamento de Relatos Oraís*. Universidade Estadual de Londrina. <http://www.uel.br/projeto/ensinohistoria>. Capturado em 12/04/2005.
- IAPAR. *Relatório técnico anual*. Londrina, 1976/1977. (mimeog), 194 p.
- MEDINA, J.C. *O rami como planta forrageira*. O agrônomo, v. 9, p.11-12, 1957.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Trad. Yara A Khoury. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo: PUC (10), 1993.
- O ESTADO DE SÃO PAULO. (fragmento do jornal ainda sem dados de identificação).
- OLIVEIRA, Emília Ramos de. *URAI, Nossa Terra, Nossa Gente*. 1ª ed, vol 2 – 1999.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. TA Queiroz, 1991.

Notas

1 Esse texto é resultado parcial de um projeto de pesquisa intitulado “Uraí, capital do Rami sob o olhar do trabalhador: 1960 a 1980” que pretende contribuir para a construção de uma memória destes trabalhadores na região de Uraí (Paraná) destacando narrativas sobre suas próprias vivências, privilegiando aspectos do cotidiano de trabalho. Para tanto, ampara-se em fundamentos e procedimentos próprios dos estudos da história oral e memória.

2 Entende-se que a memória – individual ou coletiva – é construída a partir das lembranças e das referências dos indivíduos e grupos. Para Halbwachs (2004, p. 41) “Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual”.

3 O rami foi cultivado também em Santa Catarina como ingrediente de ração para o gado.

4 Na transcrição das entrevistas procurou-se respeitar as variações linguísticas locais.

5 Antonio Carlos Rossi - ex-produtor de rami - Entrevista n° 10/2006. Nas falas de trabalhadores aqui citadas foram preservadas as características regionais da linguagem.

6 Cícero Fortunato – ex-trabalhador do rami – Entrevista n° 04/2006.

- 7 Geraldo Antônio Alves – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 05/2006.
- 8 Manoel Nêris da Silva (Mané Baiano) – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 01/2006.
- 9 Susumo Itimura – ex-produtor de rami – Entrevista nº 06/2006.
- 10 Manoel Nêris da Silva (Mané Baiano) – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 01/2006. “Pinhão”: refere-se ao peão, trabalhador volante.
- 11 Pedro Francisco dos Santos – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 02/2007.
- 12 Antônio Alfredo Cardoso – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 03/2006.
- 13 Cícero Fortunato – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 04/2006.
- 14 Geraldo Antônio Alves – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 05/2006.
- 15 Antônio Carlos Rossi – ex-produtor de rami – Entrevista nº 10/2006.
- 16 A vinda de imigrantes japoneses para o Brasil foi motivada por interesses dos dois países: o Brasil necessitava de mão-de-obra para trabalhar nas fazendas de café, principalmente em São Paulo, e o Japão precisava aliviar a tensão social no país, causada pelo alto índice demográfico e problemas econômicos decorrentes da modernização iniciada na era Meiji (século XIX). Por outro lado, é preciso destacar que o rami foi cultivado pela primeira vez no Brasil em 1884, por agricultores radicados na colônia Grão-Pará, Santa Catarina, depois, no Espírito Santo e São Paulo. Mais tarde, também no estado do Paraná onde encontrou ótimas condições de meio que lhe permitiram superar a produtividade até mesmo dos países de origem (Barreto, 1951; Medina, 1957; Benatti Júnior, 1988).
- 17 Manoel Nêris da Silva (Mané Baiano) – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 01/2006.
- 18 Susumo Itimura – ex-produtor de rami – Entrevista nº 06/2006.
- 19 Antônio Carlos Rossi – ex-produtor de rami – Entrevista nº 10/2006.
- 20 Antônio Alfredo Cardoso – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 03/2006.
- 21 Antônio Carlos Rossi – ex-produtor de rami – Entrevista nº 10/2006.
- 22 Cícero Fortunato – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 04/2006.
- 23 Geraldo Antônio Alves – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 05/2006.
- 24 Jasson Fernandes de Oliveira – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 07/2006.
- 25 Manoel Nêris da Silva (Mané Baiano) – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 01/2006.
- 26 Pedro Francisco dos Santos – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 02/2007.
- 27 Susumo Itimura – ex-produtor de rami – Entrevista nº 06/2006.
- 28 Antônio Carlos Rossi – ex-produtor de rami – Entrevista nº 10/2006.
- 29 Aparecida Dom Ferreira – ex-trabalhadora do rami – Entrevista nº 08/2006.
- 30 Jasson Fernandes de Oliveira – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 07/2006.
- 31 Luzia de Almeida Pereira – ex-trabalhadora do rami – Entrevista nº 09/2006.
- 32 Manoel Nêris da Silva (Mané Baiano) – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 01/2006.
- 33 Cícero Fortunato – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 04/2006.
- 34 Atualmente não há perspectivas para a retomada da produção de rami na região de Uraí.
- 35 Antônio Carlos Rossi – ex-produtor de rami – Entrevista nº 10/2006.
- 36 Cícero Fortunato – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 04/2006.
- 37 Aparecida Dom Ferreira – ex-trabalhadora do rami – Entrevista nº 08/2006.
- 38 Luzia de Almeida Pereira – ex-trabalhadora do rami – Entrevista nº 09/2006.
- 39 Antônio Carlos Rossi – ex-produtor de rami – Entrevista nº 10/2006.
- 40 Luzia de Almeida Pereira – ex-trabalhadora do rami – Entrevista nº 09/2006.
- 41 Manoel Nêris da Silva (Mané Baiano) – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 01/2006.
- 42 Idem 34.
- 43 Idem 32.
- 44 Pedro Francisco dos Santos – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 02/2007.
- 45 Geraldo Antônio Alves – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 05/2006.
- 46 Jasson Fernandes de Oliveira – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 07/2006.
- 47 Aparecida Dom Ferreira – ex-trabalhadora do rami – Entrevista nº 08/2006.

- 48 Luzia de Almeida Pereira – ex-trabalhadora do rami – Entrevista nº 09/2006.
- 49 Antônio Alfredo Cardoso – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 03/2006.
- 50 Cícero Fortunato – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 04/2006.
- 51 Antônio Carlos Rossi – ex-produtor de rami – Entrevista nº 10/2006.
- 52 Wilson Ramalho Matta. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uraí, em conversas informais, 2005.
- 53 Idem 42
- 54 Cícero Fortunato – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 04/2006.
- 55 Geraldo Antônio Alves – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 05/2006.
- 56 Manoel Nérís da Silva (Mané Baiano) – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 01/2006.
- 57 Pedro Francisco dos Santos – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 02/2007.
- 58 Antônio Carlos Rossi – ex-produtor de rami – Entrevista nº 10/2006.
- 59 Antônio Alfredo Cardoso – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 03/2006.
- 60 Antônio Carlos Rossi – ex-produtor de rami – Entrevista nº 10/2006.
- 61 Cícero Fortunato – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 04/2006.
- 62 Geraldo Antônio Alves – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 05/2006.
- 63 Jasson Fernandes de Oliveira – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 07/2006.
- 64 Antônio Alfredo Cardoso – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 03/2006.
- 65 Jasson Fernandes de Oliveira – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 07/2006.
- 66 Cícero Fortunato – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 04/2006.
- 67 Geraldo Antônio Alves – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 05/2006.
- 68 Pedro Francisco dos Santos – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 02/2007.
- 69 Manoel Nérís da Silva (Mané Baiano) – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 01/2006.
- 70 Antônio Carlos Rossi – ex-produtor de rami – Entrevista nº 10/2006.
- 71 O Estado de São Paulo (ainda sem dados de identificação completos).
- 72 Um dos líderes desse movimento foi o vereador Severino Nunes.
- 73 Pedro Francisco dos Santos – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 02/2007.
- 74 Antônio Carlos Rossi – ex-produtor de rami – Entrevista nº 10/2006.
- 75 Geraldo Antônio Alves – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 05/2006.
- 76 Jasson Fernandes de Oliveira – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 07/2006.
- 77 Manoel Nérís da Silva (Mané Baiano) – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 01/2006.
- 78 Aparecida Dom Ferreira – ex-trabalhadora do rami – Entrevista nº 08/2006.
- 79 Jasson Fernandes de Oliveira – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 07/2006.
- 80 Antônio Carlos Rossi – ex-produtor de rami – Entrevista nº 10/2006.
- 81 Manoel Nérís da Silva (Mané Baiano) – ex-trabalhador do rami – Entrevista nº 01/2006.

Para citar este artigo

Referência electrónica

Cleuza Batista de Oliveira, Alessandra Babler Gusmão e Regina Célia Alegro, « Cronica da cultura do rami em Uraí: lembranças de trabalhadoree, 1960-1980 », *Confins* [Online], 6 | 2009, posto online em 28 juin 2009. URL : <http://confins.revues.org/index5973.html>

Cleuza Batista de Oliveira

Professora da rede estadual de ensino do Paraná; mestranda em Geografia
(UEL)cleuza@seed.pr.gov.br

Alessandra Babler Gusmão

Professora da rede estadual de ensino do Paraná; mestre em Estudos da Linguagem (UEL)

Regina Célia Alegro

Professora assistente do Departamento de História (UEL); doutora em Educação (UNESP); orientadora do projeto

Direitos de autor

© Confins

Sumário / Résumé / Abstract

Este artigo destaca uma das mais importantes fases na história do município de Uraí, auge da produção de rami (Uraí ostenta o título de “capital do rami”, embora desde a década de 1980 a fibra já não seja o produto principal da sua economia). Apresenta informações gerais sobre o cultivo do rami no norte do Paraná e enfatiza narrativas de trabalhadores que descrevem o seu cotidiano na ramicultura no período.

Palavras chaves : Trabalhadores do rami; capital do rami; narrativas de trabalhadores, récits de travailleurs, capital do rami

Cet article relate une des plus importantes phases de l'histoire de la ville d'Uraí, l'apogée de la production de rami (Uraí porte le titre de "capital du rami", bien que depuis les années 1980 la fibre ne soit plus le produit principal de son économie). Il présente des informations générales sur la culture du rami dans le nord du Paraná et rapporte des récits de travailleurs qui décrivent leur quotidien dans la ramiculture entre 1960 et 1980

Mots clés : capitale du rami, travailleurs du rami

This article highlights one of the most important stages in the history of the city of Uraí, peak production of ramie (Uraí bears the title of “capital of ramie”, although since the 1980s the fiber is no longer the main product of its economy). It presents information about the cultivation of ramie in northern Parana and emphasizes narratives of workers who describe their daily life sentence in ramicultura in the time.

Keywords : Ramie workers, ramie's capital; narratives of workers.

Índice geográfico : Uraí (Paraná)

ndlr : Este artigo inaugura uma série de artigos que escolhemos publicar, sem renunciar às nossas exigências de qualidade científica, porque contam um episódio pouco conhecido da formação de um território, no Brasil, na França ou em outro lugar. Desejamos que os seus autores insistem sobre a apresentação precisa dos fatos, homens e lugares, principalmente pelo uso dos mapas e as fotografias. Ver também o artigo dos mesmos autores nas rúbrica Imagens comentadas, <http://confins.revues.org/index5999.html> Cet article inaugure une série d'articles que nous choisissons de publier, sans renoncer à nos exigences de qualité scientifique, parce qu'ils racontent un épisode peu connu de la formation d'un territoire, au Brésil, en France ou ailleurs. Nous souhaitons que leurs auteurs mettent l'accent sur la présentation précise des faits, des hommes et des lieux, notamment par l'usage des cartes et des photographies. Voir aussi l'article des mêmes auteurs dans la rubrique Images commentées, <http://confins.revues.org/index5999.html>